

ESTUDO DO MÊS DE OUTUBRO/1999

FATALIDADE

● TINHA QUE ACONTECER?

Diversas vezes em nossas vidas, envolvidos por dramas que, direta ou indiretamente nos sensibilizam, forçosamente nos fazemos as seguintes indagações: Tinha que acontecer? Estava escrito? Havia como evitar?

Conforme nos orienta O Livro dos Espíritos (questão 851), a fatalidade só existe quanto a escolha feita por nós, Espíritos, em sofrer esta ou aquela prova. Assim, então, ao escolhê-la, traçamos para nós uma espécie de destino. Isso, somente no tocante às provas de natureza física.

Vale dizer que o Espírito, quando se encontra prestes a reencarnar, e de posse de certo grau de maturidade, traça um planejamento quanto ao gênero de vida de sua preferência, e que, evidentemente, se enquadre em suas necessidades evolutivas. Assim sendo, opta por nascer em determinado local, definindo o meio no qual pretende reencarnar; sabe, com antecedência, em que círculo familiar irá viver, com que tipo de pessoas irá conviver, influências que há de receber; enfim, tudo o que se refira a situações passíveis de serem previamente estabelecidas.

Entretanto, conforme ainda nos esclarece a primeira obra basilar do Espiritismo, em sua questão 861, para os atos da vida moral não existe jamais a fatalidade. Isto é, os atos que dependem exclusivamente da nossa vontade não se encontram sujeitos a nenhuma espécie de fatalidade. Exemplifiquemos: alguém escolherá renascer num meio onde a marginalidade e a violência sejam alarmantes, com o intuito de levar sua proposta de paz e de concórdia — trata-se de uma situação material passível de ser prevista e concretizada. No entanto, se aquele Espírito durante a vida carnal obterá sucesso em sua investida meritória ou se sucumbirá ante a violência e promiscuidade daquele ambiente, corrompendo-se, dependerá exclusivamente de sua disposição íntima, diretamente vinculada à sua liberdade de escolha. Enfim, a fatalidade, quando existe, é somente quanto à situação, mas, nunca, em relação à resposta à situação.

Ante o exposto, há de se reiterar a indagação: até que ponto poderá o ser humano alterar o curso dos sofrimentos que o acometem, e que certamente são frutos de atos delituosos cometidos em vidas pretéritas? Essa questão encontra-se satisfatoriamente elucidada no livro *A Vida Escreve*, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, no qual o autor espiritual, Hilário Silva, nos relata a história de um personagem chamado Saturnino Pereira, que em determinado momento de sua vida sofre um acidente na fábrica onde trabalha, vindo a perder o polegar direito. Certa noite, ao comparecer à reunião mediúnicamente habituada por ele, uma orientação espiritual espontânea lhe revela que, em encarnação anterior, na posição de poderoso sitiante, havia punido barbaramente um de seus subordinados,

esfacelhando-lhe o braço direito no engenho. Algum tempo após seu desencarne, já com a consciência despertada, quando então se preparava para nova existência, programou para si mesmo, com a aquiescência dos benfeitores espirituais, um acidente no qual perderia o braço, visando liberar-se de seu drama consciencial. No entanto, durante sua vida, tal foi sua reforma íntima, sua renovação interior, que em vez de perder o braço inteiro, foi-lhe concedido perder apenas um de seus dedos.

Em complementação, Léon Denis, em seu livro O Problema do Ser, do Destino e da Dor nos afirma o seguinte: “Na realidade, nada há de fatal e, qualquer que seja o peso das responsabilidades em que se tenha incorrido, pode-se sempre atenuar ou modificar a sorte com obras de dedicação, de bondade e de caridade, por um longo sacrifício ao dever”.

Ressalte-se, ainda, que as leis de Deus, apesar de imutáveis, são flexíveis, razão pela qual Ele nos dotou deste poderoso instrumento de progresso individual chamado livre-arbítrio, que, se direcionado para a prática do amor, certamente nos preservará de muitos sofrimentos na trajetória terrestre. Finalizando, recordemo-nos da milenar, porém atualíssima citação do apóstolo Pedro, que em sua 1ª epístola evangélica (cap. 4, vers. 8), já nos asseverava brilhantemente que “...o amor cobre uma multidão de pecados”.

Estudo realizado por José Marcelo G. Coelho

e-mail: jmgc@zaz.com.br

<http://clotildes.tripod.com>